



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

GEANE DE PONTES

***MINHA MÃE É NEGRA SIM!*
DESCONSTRUINDO PRÁTICAS RACISTAS NA SALA DE AULA**

**GUARABIRA
2022**

GEANE DE PONTES

MINHA MÃE É NEGRA SIM!
DESCONSTRUINDO PRÁTICAS RACISTAS NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura Infantil Afro-Brasileira.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Suely da Costa.

GUARABIRA
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P258m Pontes, Geane de.
Minha mãe é negra sim! Desconstruindo práticas racistas na sala de aula [manuscrito] / Geane de Pontes. - 2022.
25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura infantil. 2. Racismo. 3. Representatividade negra. 4. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 320.56

GEANE DE PONTES

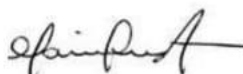
MINHA MÃE É NEGRA SIM!
DESCONSTRUINDO PRÁTICAS RACISTAS NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Português.

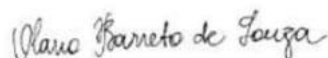
Área de concentração: Literatura Infantil Afro-Brasileira.

Aprovada em: 29/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francis Willams Brito da Conceição
Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE)

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes, se isso é sobre vivência me resumir a sobrevivência é roubar um pouco do bom que vivi.” (Emicida)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA	10
3 O TEXTO LITERÁRIO COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	15
4 A OBRA <i>MINHA MÃE É NEGRA SIM!</i> VERSANDO SOBRE ESTIGMAS RELACIONADOS AO NEGRO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

**MINHA MÃE É NEGRA SIM!
DESCONSTRUINDO PRÁTICAS RACISTAS NA SALA
DE AULA**

**MY MOTHER IS BLACK YES!
DECONSTRUCTING RACIST PRACTICES IN THE CLASSROOM**

Geane de Pontes ¹

RESUMO

Este trabalho realiza uma leitura do texto literário *Minha mãe é negra sim!* (2008), obra infantil da autora Patrícia Santana que versa sobre o preconceito racial. Tem por objetivo discutir temáticas como o racismo em sala de aula, a valorização da ancestralidade, o empoderamento, e a representatividade étnico-racial. Este estudo, de natureza bibliográfica, tem como fundamentação teórica apontamentos de Abramovich (1997), Coelho (2009), Lopes (2005), Pereira (2007), Santos (2010), Cuti (2010), entre outros. A literatura em sua condição heterogênea pode ser utilizada como objeto de representatividade e ensino de saberes. Esse estudo evidencia a importância de se trabalhar temáticas como o racismo em sala de aula para que visões preconceituosas sobre os negros e afrodescendentes sejam desconstruídas, uma vez que a escola é um reflexo da sociedade e que os problemas ali presentes são reflexos da conjuntura social. Assim, no contexto de ensino, a leitura literária pode ser um instrumento de transformação social, realizando intervenções afirmativas no que tange ao desenvolvimento de posturas antirracistas.

Palavras-chave: Literatura infantil. Racismo. Representatividade negra. Ensino.

ABSTRACT

This paper brings a reading of the book *Minha mãe é negra sim!* (2008), a children's work by the author Patricia Santana that deals with racial prejudice. It aims to discuss issues such as racism in the classroom, valuing ancestry and empowerment of ethnic-racial representation. This bibliographical study has as theoretical basis Abramovich (1997), Coelho (2009), Lopes (2005), Pereira (2007), Santos (2010), Cuti (2010), among others. Literature in its heterogeneous condition can be used as an object of representation and knowledge teaching. This study highlights the importance of working with themes such as racism in the classroom to deconstruct prejudiced views about blacks and African descendants, since the school is a reflection of society and the problems therein are reflections of the social conjecture. Thus, in the teaching context, literary reading can be an instrument of social transformation, carrying out affirmative interventions regarding the development of antiracist postures.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português pela UEPB. E-mail: geanepontes05@gmail.com

Keywords: Children's literature. Racism. Black representation. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, o racismo ainda é uma prática muito recorrente na sociedade brasileira, embora a população seja composta por maior parte de pessoas negras e afrodescendentes. Nas relações sociais, é evidente a diferença no tratamento de uma pessoa branca, para uma pessoa negra; isso acontece tanto no meio profissional quanto educacional.

Desde o período de colonização brasileira, os negros têm sido silenciados, têm tido direitos negados e sofrido preconceitos por causa da sua identidade racial, sendo obrigados a aguentar humilhações, muitas vezes, de forma silenciosa, sem poder manifestar sobre como se sentiam sendo expostos de forma negativa.

Práticas racistas como depreciar o cabelo afro ao compará-lo com esponja de aço, ridicularizar as formas físicas como nariz e lábios mais grossos, infelizmente, ainda acontecem em nossa sociedade, inclusive nas escolas. É notório a quantidade minoritária de cargos importantes ocupados por negros no meio educacional, como também a falta de metodologias por parte do corpo docente que dê notoriedade do negro, como o uso da literatura afro-infantil de forma que as crianças negras ou afrodescendentes se sintam representadas, e as crianças não negras tenham conhecimentos acerca das diversidades socioculturais, de modo compreender a sua e a cultura do outro, ou seja, práticas educacionais que visem respeitar as diferenças sociais e raciais.

Consideramos essencial para as crianças o contato com a “literatura negra”, pois, entendemos que pode significar a construção de outra imagem de si e da comunidade afro-brasileira, distinta daquelas vistas em outros espaços, bem como uma forma de respeitar o diferente, segundo Djamila Ribeiro (2019, p.15) é necessário entender que "O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir." Sendo assim, a literatura afro-infantil proporciona ao educando a consciência acerca de suas diversidades existentes.

Para este estudo, temos como objeto de estudo a obra *Minha mãe é negra sim!* (2008), de Patricia Santana, narrativa que evidencia a questão do racismo no ambiente escolar. O foco está direcionado ao personagem infantil negro, Eno, e a representação da figura negra na sociedade.

A referida obra, utilizada como objeto de estudo, é da autora Patricia Maria de Souza Santana. Nascida em Belo Horizonte, é escritora e professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. É graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, e faz parte do Núcleo de Relações Étnico-raciais e de Gênero da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Patricia Santana publicou obras infantis e infanto-juvenis como *Entremeio sem babado* (2007), *Minha mãe é negra sim!* (2008) e *Cheirinho de neném* (2011). Nessas obras debate sobre temas étnico-raciais que possui como público alvo crianças e jovens leitores.

Este estudo tem como objetivo, a partir da obra literária em questão, discutir temáticas como o racismo em sala de aula, valorização da ancestralidade, empoderamento, e representatividade étnico-racial. Busca ainda evidenciar a importância de se trabalhar temáticas como o racismo em sala de aula para que visões preconceituosas sobre os negros e afrodescendentes sejam desconstruídas, uma vez que a escola é um reflexo da sociedade e que os problemas que ali estão, são também problemas presentes em nossa conjuntura social.

A visão sobre a imagem do branco como “belo” e do negro como “feio” está presente em todos os espaços sociais, inclusive nas instituições escolares e nas famílias. Tais estereótipos contribuem para o posicionamento das crianças não negras e negras dentro das escolas. Diante disso, os professores/as podem/devem criar

ambientes educacionais propícios para que as crianças possam produzir novos conceitos e identificações positivas quanto a sua identidade e a do outro.

No que concerne ao ensino de literatura em sala de aula, existe a obrigatoriedade da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2004), que determina algumas modificações na grade curricular da educação básica nacional com a implantação de assuntos relacionados à história, cultura e a literatura africana e afro-brasileira em sala de aula, possibilitando aos estudantes um maior contato e debate sobre questões étnico-raciais no ambiente escolar.

A relevância deste estudo está, pois, em compreender como a literatura infantil afro-brasileira pode ser significativa para o ensino de crianças e adolescentes na educação básica, possibilitando trabalhar em sala de aula abordagens que envolvem a raça, povos e identidades, proporcionando que os leitores se tornem indivíduos conscientes e evitem o preconceito. Além de possibilitar que as crianças negras se sintam representadas por personagens infantis protagonistas com características semelhantes às suas, valorizando sua ancestralidade.

Em função disso, faz-se necessário um olhar analítico, cuja abordagem seja qualitativa, uma vez que essa metodologia pressupõe uma observação e interpretação de dados mais profundos dos múltiplos aspectos do comportamento humano e “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos.” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 269)

Para a construção desse trabalho, contamos com os estudos teóricos de Abramovich (1997), Coelho (2009), Lopes (2005), Pereira (2007), Santos (2010), Cuti (2010), entre outros que discorrem sobre a representação do negro na sociedade, sobre o racismo, sobre a literatura afro-brasileira, literatura infantil, e a infantil afro-brasileira, e como pode ser trabalhada essa temática do racismo e a valorização da identidade racial, em sala de aula. Além disso, utilizamos como suporte as orientações da BNCC (BRASIL, 2018), principal documento que norteia a educação básica no cenário brasileiro atual.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos: primeiramente temos apontamentos sobre o racismo; no segundo capítulo intitulado a literatura infantil afro-brasileira na sala de aula, ressalta a importância de trabalhar a literatura infantil de autoria “negra” em sala de aula; no terceiro capítulo temos o texto literário como espaço de representações simbólicas para uma educação antirracista, que aborda o quanto é importante para as crianças ter contato com a literatura; no quarto capítulo temos a obra *minha mãe é negra sim!* versando sobre estigmas relacionados ao negro traz uma análise da obra citada, no último temos as considerações finais.

2 A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA

Presume-se que as primeiras obras da literatura infantil tenham surgido no continente europeu, mais precisamente na França, contexto em que se evidenciou o advento de muitas compilações escritas de narrativas da tradição oral. Quanto ao público infantil, Cunha (1999, p.22) destaca que:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Conforme exposto, a criança era como tida um adulto em miniatura, uma vez que, por volta do século XII não havia uma concepção de infância e muito menos algo específico voltado para a criança, não se via um espaço para isso devido à maneira que as crianças eram vistas e tratadas na sociedade, e segue-se até o fim do século XVIII. Desse modo, cabia a elas aprender as tarefas do dia a dia, a trabalhar, ajudar os mais velhos nos serviços, e a passagem que tinham por sua família era muito breve, pouco depois que se passava o período de amamentação a criança já passava a fazer companhia aos adultos para que aprendesse a servir e trabalhar.

A partir do século XVII é que se têm os primeiros passos para a separação do adulto e da criança, por meio da escolarização, mas somente a partir do século XVIII, é que as crianças (diga-se, de passagem, da elite) começaram a ser reconhecidas em suas particularidades, começaram a possuir um quarto único, alimentação considerada específica e adequada, começaram a ocupar um espaço maior no meio social e tiveram acesso a produções literárias voltadas para o desenvolvimento de sua imaginação.

A literatura tende a estimular, pela leitura, a capacidade sensorial, o pensamento crítico e o sentimento, além de interferir no modo de agir do indivíduo em seu meio social. Por sua vez, a literatura destinada ao público infantil proporciona às crianças adentrar nesse universo mágico da leitura em que sonhos e realidades se juntam, e, com isso, aprender desde a sua infância a necessidade de entender sobre assuntos que podem ser transformadores na sociedade. De acordo com Coelho (2009, p.27):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Com efeito, o estudo da literatura infantil em sala de aula permite ao educando tecer reflexões, aprender a se posicionar e entender sobre questões importantes do contexto social, como por exemplo, a discriminação racial que ainda se faz presente na sociedade. Desse modo, fica explícito a importância de se trabalhar a literatura infantil no âmbito educacional, já que as narrações de histórias não proporcionam apenas prazer e diversão, mas também possuem papel fundamental na aprendizagem das crianças, visto que estimula a criatividade, a imaginação e a curiosidade, além de interferir de maneira positiva no desenvolvimento da linguagem. Nessa perspectiva, Pereira (2007, p.08) menciona que:

A criança que, desde muito cedo, entra em contato com a obra literária escrita para ela, terá uma compreensão maior de si e do outro; terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento; terá, ainda, uma visão melhor do mundo e da realidade que a cerca.

Desse modo, a literatura é um campo literário essencial para a formação de crianças, pois através de textos literários, é possível proporcionar aos educandos novas visões de mundo, além de estimular esse viés crítico necessário para saber se posicionar no meio social. Assim, entende-se que a literatura é fundamental nas escolas para fins da prática educativa reflexiva. Partindo do princípio que estamos formando e instruindo para a vida, o trabalho com o literário tem como função ampliar a noção de leitura do indivíduo estimulando-o para que se torne um “leitor livre, responsável e crítico — capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção” (DALVI, 2013, p. 20).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a literatura proporciona ao aluno:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL 2018, p. 65).

Considerando a citação posta, fica evidente a orientação da BNCC para que o aluno desenvolva o seu interesse em relação a ler e saber sobre assuntos que envolvem questões culturais, e isso é possível através da literatura trabalhada de forma metodologicamente adequada na sala de aula.

No que diz respeito à literatura afro-brasileira², é uma literatura em que o sujeito da escrita é o próprio negro, assim tem-se a presença de um eu lírico que rejeita a identidade atribuída a ele pelo outro e o desafio em assumir a escrita de sua História. Contudo, essa é uma conquista recente da literatura afro-brasileira, embora o termo tenha aparecido só no século XX, a produção literária de literatura negra tenha, a produção literária feita por negros e abordando a questão negra existente no Brasil desde o século XIX, mesmo antes do fim do tráfico negreiro.

Quanto à presença do negro na literatura brasileira, Proença Filho (2004), considera que não foge à marginalidade. Segundo o autor, na trajetória do discurso literário nacional, apresentam-se, via de regra, dois posicionamentos neste sentido: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada” (PROENÇA FILHO, 2004, p.161). Sendo assim, os negros apareciam em condições sulbaternas, ou seja, impossibilitando a geração futura de ter referenciais positivos sobre a sua cultura, e povos.

Duarte (2011, p. 12) considera que para uma literatura ser considerada afro-brasileira é preciso que:

Em primeiro lugar, a *temática*: “o negro é o tema principal da literatura negra”, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Em segundo lugar, a *autoría*. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o *ponto de vista*. Com efeito, não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Nas palavras de Zilá Bernd, essa literatura apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. Um quarto componente situa-se no âmbito da *linguagem*, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas lingüísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil.

² Quanto ao conceito, “Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO, 2007, p. 315).

E um quinto componente aponta para a formação de um público leitor afro-descendente como fator de *intencionalidade* próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes. (DUARTE, 2011, p.12)

Para além dessa identificação necessária ao se fazer uma seleção de textos para sala de aula, no que tange ao ensino de literatura afro-brasileira, sabemos que a educação é peça fundamental na formação dos indivíduos. Com isso, convém a escola trabalhar a conscientização de seus aprendizes sobre nossa diversidade cultural, para assim respeitar o próximo, independentemente de sua cultura. Além disso, o estudo de textos da literatura afro-brasileira pode proporcionar ao educando uma visão crítica sobre as condições do negro no Brasil.

Entre várias possibilidades de se trabalhar com as obras literárias, é notório que a literatura afro-brasileira possibilita um maior poder de reflexão sobre assuntos que vão desde a representação do negro, escravidão, o preconceito racial e as formas de valorização étnico-racial. Ainda convém observar que, quando se trabalha desde cedo, nas séries iniciais, a literatura infantil de autoria negra em sala de aula, pode ser importante no sentido de poder auxiliar os alunos a construir uma identidade positiva sobre a diversidade étnico-racial, evitando preconceitos.

No que diz respeito à importância da literatura afro-brasileira em sala de aula, Lopes (2005) argumenta que:

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, e buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir. Forçoso é reconhecer, porém, que muitos professores não sabem como proceder. É preciso ajudá-los, pondo ao seu alcance pistas pedagógicas que coloquem professor e alunos frente a frente com novos desafios de aprendizagem. O combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana, povos e nações, valorização que se alcança quando descobrimos que as pessoas, mesmo com suas dessemelhanças, ainda são iguais entre si e iguais a nós, com direito de acesso aos bens e serviços de que a sociedade dispõe de usufruí-los, criar outros, bem como de exercer seus deveres em benefício próprio e dos demais. (LOPES, 2005, p.187)

Deste modo, se torna necessário uma prática pedagógica orientada, para que assuntos como o racismo seja debatido em sala de aula frequentemente, assim os alunos vão passar a respeitar as diferenças do outro, independentemente da sua cor de pele.

Para que a literatura afro-brasileira tivesse mais visibilidade na sala de aula, foi aprovada a Lei 10.639/03 alterando assim a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Essa amplitude facilita estudos tanto nas literaturas afro-brasileiras como nas africanas, já que ambos trazem em suas obras questões sobre o negro, seja nos contextos social, econômico, cultural e político.

Contudo, mesmo com a lei em vigor, existem algumas dificuldades no que diz respeito ao ensino da literatura afro-brasileira e africana, visto que em muitas escolas

há alguns empecilhos como a falta de democratização do acesso a obras literárias de autores negros-brasileiros e africanos, por falta de políticas públicas em torno das bibliotecas escolares. Nessa perspectiva Santos (2010) aponta que:

As Leis 10.639/03 e 11.645/08 é simbolicamente uma correção do estado brasileiro pelo débito histórico em políticas públicas em especial para a população negra e Indígena. Neste contexto, a publicação de livros didáticos pertinentes a História da África, Cultura Afro-brasileira e indígena, para o Ensino Fundamental I, torna-se uma alternativa eficaz para o ensino-aprendizagem nas escolas públicas e particulares sobre o ensino das relações étnicas e raciais. Visto que a docência tem questionado os órgãos públicos sobre a carência de livros didáticos para a Efetivação das leis supracitadas. (SANTOS, 2010, p.01)

Deste modo, torna-se obrigatório a inclusão do ensino de literatura, história e cultura afro-brasileira em sala de aula, proporcionando debates que visem discutir sobre esse preconceito acerca dos povos negros e afrodescendentes, além de aprimorar os conhecimentos históricos sobre a relação entre a cultura brasileira e a africana.

A literatura afro-brasileira voltada para o público infantil surge a partir do século XX, quando as personagens negras começaram a aparecer na literatura. Porém, eles apareciam de uma forma inferiorizada, sempre representando indivíduos analfabetos, feios, preguiçosos e subalternos. Os negros apenas eram lembrados pelo processo de escravidão que passaram, conforme salienta Jovino (2006):

É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. (JOVINO, 2006, p.187)

Diante disso, é notório que o negro apenas era representado em cenários de inferioridade, ou seja, que remetesse às situações de pobreza e sofrimento que o mesmo vivenciou, contribuindo para práticas racistas. Dessa forma, então, além de suas conquistas para a população negra, a promulgação da Lei 10.639/2003 também potencializou a literatura infantil e juvenil afro-brasileira, que ganhou novo fôlego.

Se antes da lei era comum textos literários que marcavam a desvalorização, a desumanidade, a invisibilidade e o silenciamento da personagem negra, frequentemente com personagens negras em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, agora temos livros que tematizam e problematizam as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negras como protagonistas, contribuindo para o letramento racial dos leitores, dentro e fora do ambiente escolar.

3 O TEXTO LITERÁRIO COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O processo de construção de pertencimento identitário étnico-racial acontece de forma gradual, e essa construção ocorre por meio de conhecimentos adquiridos em seu meio familiar, cultural, social e através do incentivo de assuntos que envolvem a diversidade cultural. Quanto à identidade, Santana (2022) argumenta que:

A identidade pode ser considerada como a maneira pelo qual o sujeito se porta no meio social, conseqüentemente a forma como ele é visto pelos outros. Dessa maneira, manter-se identificável é necessário para uma convivência igualitária em um determinado grupo, nação ou cultura. A partir

dessas transformações constantes e com a influência da globalização, a identidade pode ser vista como plural e múltipla. E ao longo dos anos se transformam e abrem espaços para o surgimento de novos sujeitos e novas sociedades. Assim, a cada nova década, surgem novas identidades e representações culturais que são alteradas conforme seus indivíduos, formas e jeitos de se portarem em um convívio social. (SANTANA 2022, p.71)

Assim, o processo de relações pessoais ajuda na construção da identidade étnico-racial, pois é através do contato com o outro que se torna possível uma construção de forma positiva ou não. A educação infantil é uma peça fundamental para que essa construção se dê de forma positiva, visto que é por meio de uma prática pedagógica orientada que o indivíduo consegue melhor compreender os conhecimentos em sua diversidade, a exemplo de entender que cada sujeito possui sua singularidade, a qual precisa ser respeitada.

No contexto escolar, a literatura infantil afro-brasileira pode ser um instrumento de leitura com fins de se trabalhar questões que envolvem a identidade, cultura e fatos históricos essenciais no processo de construção da identidade negra. Isso porque a literatura é capaz de veicular as memórias representativas de um povo e da sociedade. A esse respeito, Munanga (2005) destaca que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessam também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolveram, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.17)

Nesse sentido, trazer a literatura infantil afro-brasileira para a formação da criança é possibilitar a esse jovem leitor o contato com obras literárias, as quais contam histórias com particularidades pautadas em relações sociais, evidenciando o respeito, a cultura e a diversidade. A leitura possibilita à criança compreender sobre religião, valores compartilhados com o outro, por exemplo, passando a entender que cada indivíduo tem sua singularidade dependendo do contexto que vive. Tais conhecimentos tornam-se fundamentais, pois é nessa fase que a criança passa a ter contato com o preconceito racial e o racismo. Partindo desse pressuposto, o MEC (2006) pontua que:

Considerando a diversidade étnico-racial, sabemos que existe uma concentração maior de crianças negras em instituições como creches comunitárias e filantrópicas. Portanto, não podemos desconsiderar que a desigualdade racial no sistema educacional apontada em várias pesquisas está presente na Educação Infantil, considerando-se o acesso a essas ofertas de atendimentos, a qualidade do trabalho realizado, as condições de trabalho dos (as) profissionais que ali atuam principalmente a sua formação. (MEC/SECAD, 2006 p. 35).

Desse modo, fica explícito que uma criança negra encontra uma maior dificuldade quando se trata de conseguir se identificar e se adaptar ao meio em que está inserida, uma vez que os referenciais valorativos não são de referência negra. Sendo assim, a escola é a responsável por trabalhar esse processo de aceitação de forma positiva sobre si e sobre seus traços físicos para que a criança negra se sinta incluída.

No que tange à literatura infantil afro-brasileira, incentivar esse tipo de leitura contribui de modo significativo para o desenvolvimento da criança, fazendo com que ela faça questionamentos, desperte emoções e sentimentos, aprimorando seu lado crítico de pensar sobre si e sobre questões que envolvem a sociedade. Segundo, Silva *et al.* (2020, p.184):

A literatura infantil afro-brasileira possibilita um olhar diferenciado para as questões que envolvem a diversidade, criando possibilidades para as crianças negras se verem representadas nas histórias que são lidas. Além disso, tais literaturas buscam romper com as posições fixas presentes no modelo literário tradicional, que representava os personagens a partir de marcadores étnicos e sociais cristalizados ainda hoje no imaginário de adultos e crianças. Assim, a literatura exerce grande influência no imaginário infantil, ao construir representações simbólicas nas quais a criança poderá assimilar e recriar as ações presentes no texto lido a partir das suas experiências enquanto leitora, portadora das mais diversas experiências, que a constitui em identidades individuais ou coletivas.

Para as crianças negras, o contato com essa literatura pode significar a construção de outra imagem de si e da comunidade afro-brasileira, distinta daquelas vistas em outros espaços, uma vez que a representatividade faz com que nos sintamos parte do todo social sob a ótica do prestígio, destaque, valorização e respeito à dignidade da pessoa negra.

Os textos literários em que se apresentam personagens negros/as, a beleza dos cabelos crespos, a presença da religiosidade de matriz africana, a ancestralidade afro-brasileira e as relações com a ancestralidade passam a figurar no imaginário infantil, criando para os pequenos/as novos referenciais, como também cria novas representações da figura do negro, questiona, revisa e reclama o seu papel e lugar na sociedade brasileira.

De outro modo, a leitura de textos que protagonizam o negro para as crianças não negras cria possibilidades para a formação de uma consciência racial, o que impulsiona a tomar posições antirracistas, não permitindo que o racismo se propague ao seu redor e, muito menos, que sejam agentes dessa dinâmica. Portanto, uma prática pedagógica orientada a promover o ensino de literatura pode proporcionar mudanças significativas na vida das crianças, contribuindo para o desenvolvimento da autoestima, e respeito à diversidade por via do universo de imaginações. Diante disso, Abramovich (1997) afirma que:

Ler histórias para criança, sempre, sempre... É poder rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever do autor, e então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...) É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – de um jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde aquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Desse modo, a literatura consegue exercer forte influência em seus leitores, trazendo questões sobre representatividade, formação de conceitos, agregando valores. Sendo assim, quanto mais cedo as crianças tiverem contato com o mundo

literário que traga essa imagem positiva sobre questões raciais, mais rápido vai ser o seu desenvolvimento no que diz respeito à imaginação, tornando-se indivíduos conscientes acerca das questões étnico-raciais.

Convém destacar que, muitas das vezes, a figura do negro aparece em obras literárias como algo negativo, segundo afirma Cuti (2010, p.84):

A população negra no Brasil é pouco representada fora dos quadros da pobreza, pois seu processo de ascensão social é invisibilizado pela ideologia racista. Se este for constatado, ficam abalados os preconceitos que fazem crer em inferioridade racial. Assim, a busca de verossimilhança pode, enveredando pelo preconceito racial, focar tão somente negros entre os pobres e só entre eles conceber a possibilidade de representação literária, como se a mobilidade social não existisse ou significasse o desaparecimento do negro enquanto tal. Daí o leque socioestamental para a literatura negro-brasileira ser amplo e não reducionista. Negros há em todas as camadas sociais e assim devem ser representados. (CUTI, 2010, p.84)

Diante disso, a literatura possibilita que a representação do negro não seja vinculada apenas à pobreza, mas que se dimensione em vários campos profissionais, visto que o negro ocupa diversas camadas sociais. Para Cuti (2010), a literatura proporciona conhecer a história com emoção, ou seja, não repassa apenas a informação de modo frio, pois, a literatura abre caminhos para que o leitor experimente sensações por meio de personagens apresentados nas obras.

4 A OBRA *MINHA MÃE É NEGRA SIM!* VERSANDO SOBRE ESTIGMAS RELACIONADOS AO NEGRO

A obra intitulada *Minha mãe é negra sim!* (2008), de autoria de Patricia Santana, com ilustrações de Hyvanildo Leite³, foi publicada pela Mazza Edições, buscando evidenciar o protagonismo negro sob a discussão de pertencimento e pondo em foco o racismo e a desconstrução de estigmas relacionados ao negro.

A narrativa literária em questão nos apresenta a história de Eno, um garotinho alegre, que se vê diante de um estereótipo de preconceito racial, quando a sua professora de artes, em uma atividade de produção visual, diz para que “pintasse sua mãe de amarelo, que ficava mais bonita”. Tal conflito já é posto no início da narrativa:

Desde o dia em que a professora de Artes disse a ele que pintasse sua mãe de amarelo, que ficava mais bonito, Eno ficou entristecido. Uma tristeza fininha que doía e doía, e ele sem saber falar por quê. Não havia entendido direito o porquê de a professora fazer aquela sugestão, quase exigência, pelo tom e pela dureza da sua fala. (SANTANA, 2008, p. 6).



(Figura 1 – Eno triste por causa da atitude da professora)

³ “As imagens são ótimos recursos para o leitor explorar em narrativas, uma vez que possibilitam um processo de fruição à leitura.” (SANTAELLA, 2012). Neste estudo destacamos alguns recortes verbais da narrativa, com figuras, porém não é nosso foco desenvolver uma análise destas.

O sentimento de tristeza que toma o personagem Eno é acompanhado pela não compreensão da professora ter dito aquilo, uma vez que ele acha tão linda a cor de sua mãe. Fica evidente como a professora inferioriza a mãe de Eno, promovendo a desigualdade étnica, ao silenciar a criança, além de excluí-la por meio da prática racista, ação que tem evidente reflexo em sua autoestima, já que:

Naquele dia não quis desenhar mais nada nem colorir. A professora esperou por seu desenho, que não veio. Não veio também aquele sorriso largo de todo dia, que ele lançava pra Dona Lia que ficava no portão vendo as crianças da escola indo embora. (SANTANA, 2008, p. 8)

Esse episódio põe em foco um dos problemas recorrentes e naturalizados na sociedade, que é o racismo, a estigmatizar o povo negro. Segundo Gomes (2017, p.98),

O racismo constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos, baseada na crença da superioridade e inferioridade racial. No Brasil ele opera com a ideologia de raça biológica, travestida no mito da democracia racial [...] A ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”, “tipos de cabelo”, “formato do nariz”, “formato do corpo” o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos no Brasil.

Com efeito, o racismo ocasiona na vítima o sentimento de inferioridade, fazendo com que seu agir se torne algo limitado, assim como exemplificado na narrativa no momento em que Eno fica triste com a atitude da professora, fazendo-o, por algum momento, ter dúvidas sobre a cor de sua pele.

Para Castells (1999, p. 22), a identidade pode ser compreendida como o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” No que tange às narrativas postas em evidências, Bruner (2001, p. 44) ressalta que elas estão relacionadas “à forma como as crianças em crescimento criam significados a partir da experiência na escola os quais elas podem relacionar a suas vidas em uma cultura.”

Desse modo, a atitude da professora interferiu na vida de Eno de maneira negativa, causando isolamento da criança tanto na escola, quanto na família: “Chegou em casa mudo. Não correu para os braços do pai, que sempre o esperava na hora do almoço. Correu para o seu cantinho feito com um monte de caixas de banana que ele pegava no sacolão da sua rua.” (SANTANA, 2008, p.10). Essa ação da professora desencadeou no menino o não reconhecimento da sua identidade, passando a usar o seu esconderijo como um refúgio. Tem-se, neste caso, uma representação do lugar em que a sociedade costuma colocar as pessoas negras, no silenciamento e negação da sua identidade.

No que tange ao comportamento familiar, a atitude de Eno em se isolar causou estranheza nos seus pais, que não sabiam qual o motivo de o menino se recusar ir à escola:

O pai achou tudo esquisito, ia esperar pela mulher para ver se descobriam o motivo do banzo de Eno. Os dias foram passando, e a cada dia pai e mãe

estranhavam mais a tristeza do menino. Ele nem queria ir à aula. Um dia inventou dor de cabeça. Outro dia perdeu a hora. No outro apareceu com o uniforme todo molhado de leite. (SANTANA, 2008, p.15).

O processo de discriminação da pele, tal qual exposto nesta narrativa, ainda é um fator presente no meio escolar. Não é raro alunos negros sofrerem preconceitos em função de estereótipos relacionados à sua cor, isso interfere de modo negativo na construção de uma visão de pertencimento étnico-racial. Não se pode esperar a aceitação da identidade de uma criança negra que não se sente representada, mas inferiorizada⁴, sendo somente os brancos os padrões de aceitação. Contudo, a narrativa em questão traz um protagonista questionador que já não aceita o racismo dos colegas, e saber da postura da professora “Era demais”:

Amuado pelos cantos, Eno pensava no sentido de tudo. E não encontrava respostas. Ele era preto, seu pai e sua mãe também. Por que não podia pintar sua mãe de preto? Já ficava chateado com os apelidos que alguns meninos lhe davam, tudo coisa ou bicho. Mas a professora dizer a ele que pintasse a mãe de amarelo? Era demais! (SANTANA, 2008, p. 17).

A problemática apresentada na narrativa põe foco sobre o fato de a educação infantil no Brasil ter sido reflexo da sociedade racista. Estudos como o de Cavalleiro (2003) alertam que a criança negra recebe menos carinho e atenção do professor, que a criança não-negra; essas crianças são excluídas das brincadeiras; recebem apelidos que as desumanizam; convivem com perversos “cantinhos da beleza”, em que, os cabelos “armados” são “presos” e pranchas de alisamento de brinquedo ditam as regras da beleza, além de não se verem representadas nos contos de fadas e histórias infantis. A literatura na escola, teoricamente, deveria dar acesso a diversas realidades e contextos, mas essa não é a execução comum em toda a práxis.

Cashmore (2000) considera que a representação das populações negras como subalternizadas ou folclorizadas é resultado do racismo anti-negro que, ultrapassando o estágio de preconceito, transforma-se em discriminação racial. São ações ou comportamentos adotados para prejudicar o outro, quando o racista mostra a sua atitude em ações ou atos.

O protagonista da narrativa em questão vai então procurar o significado da palavra “preto”; mas não consegue compreender muita coisa e, dessa forma, acaba continuando triste, sem ânimo para desenvolver as atividades de seu dia a dia. Contudo como alguém que resiste e não desiste, tem uma atitude:

Depois de dias de silêncio, Eno pediu para ir à biblioteca do bairro. Seu pai, satisfeito pela pequenina mudança, deixou. Eno foi procurar no dicionário o significado da palavra preto. Lá não viu muita coisa boa, achou de novo tudo muito esquisito. Voltou para casa triste demais. Queria melhorar, mas não conseguia, ainda mais na quinta-feira, que era o dia de seu avô fazer a visita de sempre. (SANTANA, 2008, p. 18)

⁴ A representação estigmatizada de negros/as na sociedade brasileira abrange as seguintes categorias: “Negro associado a preguiçoso, a mau, a animal, a feio, a favelado, a incapaz; negro exercendo atividades consideradas inferiores na sociedade; negro caricaturado; negro resignado; negro humilhado pelo branco; negro apresentado como objeto de dominação (apelidado), sem família e origem; estereótipos explícitos em relação ao negro nos textos; depreciação da cultura e do aspecto físico do negro; agressão verbal ao negro; total ausência dos negros em vários livros; negro em minoria; negro em último lugar, ausência de pai e mãe de negros” (SILVA, 1987, p.98).

A falta de referenciais que pudessem contemplar a sua busca é um exemplo de uma sociedade que nega quando não silencia sob o manto do racismo estrutural, desfavorecendo a população negra. De acordo com Silva (2005), quanto às produções literárias, era comum a criança negra ser representada por estereótipos inferiorizantes e excludentes do processo de comunicação, pois o foco estava apenas no público voltado para crianças brancas e de classe média.

Por esta razão, tais estereótipos tendem a causar preconceitos, impossibilitando o conhecimento sobre o outro, situação que mudou após a Lei 10.639/03. Hoje, essas vozes negras conhecem seus direitos e não admitem ser tratadas com nada menos do que respeito ao seu povo e à sua ancestralidade. É o que se observa na narrativa em estudo.

O protagonista Eno permanece triste até o dia em que recebe a visita do seu avô Damião. É o símbolo da ancestralidade, demarcando, (re)construindo a imagem do negro e dando-lhe protagonismo, uma vez que exalta a história, cultura e identidade do negro, possibilitando que o mesmo tenha visibilidade e representatividade positiva e de sabedoria.

Conforme registra Santana (2006, p.41):

A ancestralidade é um princípio que norteia a visão de mundo das populações africanas e afro-brasileiras. Os que vieram primeiro, os mais antigos, os mais velhos são referências importantes para as famílias, comunidades e indivíduo. Portanto, o processo de aprender não é possível fora da dimensão da relação, da interrelação entre os mais novos e os mais velhos. Os adultos são fundamentais nesse processo de caminhada para a compreensão da vida e das relações com o mundo que as crianças iniciam desde que nascem.

Dessa forma, o avô tem fundamental importância na construção identitária de Eno, pois, explica as lutas vivenciadas contra o racismo e as dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida, e nem por isso deixou se abalar:

O avô ouviu tudo, pensou, mastigou vento, coçou a cabeça. E começou. Falava de uma forma que só avô sabe, dando uma aula mansa, contando do tempo antigo, falando das coisas de hoje em dia. Falou de racismo, das dificuldades que as pessoas negras enfrentaram e enfrentam para serem aceitas nesse mundo. (SANTANA, 2008, p. 22).

Diante disso, o avô além de ser uma representação da ancestralidade, também é um mediador sobre o letramento racial, já que é através dele que a criança passa a entender sobre o racismo.



(Figura 2 - o avô Damião explicando sobre as lutas vivenciadas ao longo de sua vida)

Por conseguinte,

Eno ouvia, fazia perguntas. Vô Damião disse do orgulho que tinha de sua família, que lutava para viver com dignidade. E disse uma coisa a Eno, de que ele nunca mais se esqueceu: “A boniteza deste mundo está nas diferenças, diferenças de tudo quanto é jeito: de pessoas, de cores de gente e de flores, de tamanhos, de línguas e costumes, de sotaques, de jeito de ficar alegre e triste.” Eno era motivo de alegria para sua família, era um presente divino para todos. Não podia ficar triste para sempre. Naquela sexta-feira, Dia do Pai, dia de força e energia, resolveu voltar para a escola e enfrentar a professora. No dia anterior, ele tinha ficado até tarde caprichando em seu desenho, desenho de mãe negra, como era a sua. (SANTANA, 2008, p. 24).

Diante do exposto, verificamos que a escuta atenta do avô seguida de sua tomada da fala para desmistificar as dificuldades que o menino estava enfrentando, o sentimento de acolhida do menino por parte deste, sua expressão de tranquilidade e alívio mostram que o garoto Eno encontrou no seu avô as respostas que ele estava buscando acerca da cor da sua pele e de seus pais no contexto da discriminação enfrentada por ele. As raízes ancestrais assumem não só o papel de estimular o jovem, mas de lhe ofertar o autoconhecimento, de sacramentar a sua identidade. Nesse caso, a afirmação da sua identidade negra não aconteceu na escola, como era de se esperar dessa instituição, mas pela relação familiar como confirma o excerto abaixo:

O sorriso voltou ao rosto para presentear Dona Lia. A professora, no corredor, recebeu o desenho feito com orgulho e dignidade: “professora, meu desenho de mãe, não pinte de amarelo, pinte de preto em negro como é a minha mãe, como é a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pinte com as cores de mim mesmo.” A professora olhou espantada, mas percebeu a seriedade da situação. E Eno completou: “Qualquer dia desses meu vô vem aqui dar aula, pra todos aprenderem sobre a nossa história.”. (SANTANA, 2008, p. 26)

Podemos dizer que o quadro é de desconstrução de estigmas racistas, o belo não precisa ser branco; o riso é resistência; a imagem do avô é a memória viva. Já no final da narrativa, entendendo melhor acerca de sua ancestralidade, adquire destaque o fragmento em que “Na cabeça de Eno, tocava uma música que seu avô havia cantado para ele: “Eu sou negro sim, como Deus criou. Sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor. Eu sou negro sim.”. (SANTANA, 2008, p. 29). Um canto, podemos dizer, de resistência.

Diante do exposto, vemos o quanto esta narrativa voltada para o público infantil aborda um tema essencial e muito importante de ser trabalhado em sala de aula, em casa e na sociedade. Isso porque o racismo é algo tão enraizado nas pessoas e nas instituições que algumas atitudes são consideradas normais. A atitude da professora, mesmo despreziosa, serviu de gatilho⁵ para que o nosso protagonista ficasse inseguro acerca de seu lugar no mundo, um mundo que tenta uniformizar até mesmo o tom da pele.

Assim sendo, na fala da professora, se inscrevem as marcas do racismo estrutural, uma vez que ela reproduziu uma fala estigmatizada acerca de um padrão de “cor-de-pele” que é difundido, basicamente, desde a época da colonização do Brasil. Por sua vez, a atitude do avô de Eno nos faz refletir e perceber o quão é

⁵ Para a escritora Paula Santos (2020) “Gatilho é um termo utilizado no ramo da psicologia para denominar um estímulo emocional causado no cérebro, que ativa lembranças de traumas ou situações marcantes na vida de uma pessoa.”

Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/materias/materia-20116>. acesso: 04 de dez. 2022

importante saber lidar com as diferenças e compreender que cor bonita é aquela que temos.

Sousa (2005) destaca que:

A auto-estima reflete, portanto, a consciência do sujeito sobre sua própria identidade. No caso de muitos negros e negras que se encontram em constante conflito com a auto-imagem, oscilando entre o ser real estigmatizado (negro) e o socialmente valorizado (branco), as representações sobre si e seu grupo étnico-racial tendem a ser inferiorizantes, o que se reflete em uma auto-estima também negativizada (SOUSA, 2005, p.117).

Assim como Eno se sentiu pressionado por não corresponder ao padrão quando se recusou a pintar a sua mãe de uma cor que não era a sua, muitas crianças se deparam com essa mesma realidade cotidianamente, uma vez que as caixas de lápis de pintar apresentam um lápis com a tonalidade “cor-de-pele”, um tom rosado que não corresponde à miscigenação do povo latino, pois a variação na tonalidade epitelial varia de acordo com fatores genéticos.

A escola, pois, tem um papel muito importante no combate ao preconceito, através do trabalho efetivo com práticas antirracistas, buscando assim a construção de uma autoimagem positiva da criança negra. A construção dessa autoimagem ocorre através do processo de representatividade, uma vez que a criança se enxerga no outro, e assim constrói sua identidade étnico-racial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil é um campo literário necessário a ser ofertado como leitura em sala de aula da educação infantil, considerando o fato de que a mesma apresenta uma roupagem mais acessível enquanto linguagem, como também pode apresentar de forma mais sensíveis alguns temas importantes para serem discutidos e trabalhados durante o processo de amadurecimento da criança.

Na obra *Minha mãe é negra sim!* (2008), evidencia-se o quanto racismo é um problema muito grave que precisa ser combatido todos os dias, em cada episódio de conflito, em cada negacionismo étnico e processos de exclusão, inclusive nas escolas, ambiente de diversidade. O racismo interfere na forma como as pessoas se enxergam, se definem e se classificam, mas também, como o indivíduo negro é percebido pelo outro.

A escola não é um campo neutro, pelo contrário, nela se (re)produzem e se intensificam conflitos sociais. Por isso, é inaceitável que professores se posicionem de forma a naturalizar ou sugerir que a utilização de uma cor para pintar o tom de pele seja mais bonita e comum que outra. Faz-se necessário combater o estigma da hierarquização de raças pelo tom da pele que muito fomenta o discurso colonial.

As narrativas literárias conseguem despertar a imaginação das crianças, justamente, por representarem a realidade através dos fatos ficcionais e dos elementos fantasiosos. Assim, temas possivelmente não acessíveis, são capazes de fomentar a reflexão e o debate.

Ademais, entendemos que a escola, por ser um ambiente em que as crianças socializam e estabelecem relações com os demais, é imprescindível para a construção da identidade de cada uma delas, e que o ambiente educacional proporcione o suporte adequado no que tange à educação para o respeito e inclusão das diferenças, uma vez que na escola o palco para o diálogo e o debate são vetores

essenciais para a construção de cidadãos que respeitem uns aos outros, e entendam a diversidade étnico-racial e seus direitos.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem o papel do ensino como objeto de transformação social, realizando intervenções afirmativas no que tange ao desenvolvimento de capacidades antirracistas que corroborem com a inclusão de todo e qualquer indivíduo em nossa sociedade sem que o racismo encontre espaço.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Silvio Luiz de **Racismo estrutural** -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

BENTO, M. A. S.; CARONE, I. **Branqueamento e Branquitude no Brasil** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, **Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 09 de janeiro de 2003.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALVI, Maria Amélia. *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DUARTE, E. (2011). **Literatura afro-brasileira:: um conceito em construção**. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (31), 11–23. In: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>

GOMES, Nilma Lino (2017). **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Vozes.

JOVINO, I. da S. *Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil*. In: SOUZA, F; LIMA, M. N. (Org). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOPES, Véra Neusa. *Racismo, Preconceito e Discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos*. In: **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MEC/SECAD. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PATRICIA SANTANA. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/371-patricia-santana> Acesso em: 7 de outubro de 2022.

PEREIRA, Maria Suely. **A importância da literatura infantil nas séries iniciais**. Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 6, n. 1, jun 2007.

PROENÇA FILHO, D. **Uma trajetória do negro na literatura brasileira**. *Estud. av. São Paulo*, v. 18, n. 50, pp. 161-193, abril de 2004. Disponível em . Acesso em 05 de nov de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA. Patricia Maria de Souza. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SANTANA, Patricia. **Minha mãe é negra sim!** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SANTANA, Maria Karolyne Reis. **Literatura afro-infantil, identidade e representatividade.** *Revista de Letras JUÇARA*, Caxias – Maranhão, v. 06, n. 01, p.69-79, jul. 2022.

SANTOS, Paula. **Gatilho: entenda o que é e como é possível lidar com ele.** <https://www.minhavidade.com.br/materias/materia-20116>. Acesso em: 4 de dezembro, 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Ubiraci Gonçalves dos. **Livros didáticos: contribuição para aplicação no ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em instituições de ensino públicos e particulares.** *Revista África e Africanidades*. Ano 03 - nº 10, agosto de 2010.

SANTOS, Fernanda Maria. *Gira contos contadores de histórias: um relato de experiência sobre arte de contar histórias como estímulo à criatividade e à leitura em ambientes de aprendizagem na implementação da Lei 10.639/03.* In: FONSECA, Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado; CHAGAS, Waldeci Ferreira (ORG). **Estudos étnico-raciais na educação básica.** João Pessoa: Editora Imprell, 2016.

SILVA, Otto Marques. **“A Epopéia Ignorada”, “Uma Questão de Competência”, “A Integração das Pessoas com Deficiência no Trabalho”.** São Paulo: Cedas, 1987.

SILVA, Ana Célia da. *A desconstrução da discriminação no livro didático.* In: **Superando o racismo na escola.** Kabengele Munanga(org.) 2ª edição; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Erica Bastos; SILVA, Núbia Lúcia Novais Borges da; SILVA, Patrícia de Jesus. **Protagonistas negros na literatura infantil brasileira: breve histórico e perspectivas contemporâneas.** *Revista Humanidades e Inovações*, v.7,nº 22, Bahia, 2020.

SOUSA, F. M. N. *Linguagens escolares e reprodução do preconceito.* In: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03.** Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação; Secad, 2005.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me manter firme na busca por meus objetivos, sempre me abençoar e guiar meus passos.

Ao meu pai, Antonio de Pontes, por sempre apoiar as minhas decisões. És um pai maravilhoso!

À minha mãe, Maria José Angelino dos Santos, a maior incentivadora dos meus estudos, e por não medir esforços para que eu consiga atingir meus objetivos. És uma mãe maravilhosa!

Às minhas irmãs Geangela e Maria Heluisa, por me incentivarem na busca dos meus sonhos e por cada conselho durante essa caminhada.

À minha amiga, Jardiane, uma amizade que a UEPB me proporcionou, e que durante o curso nunca soltou a minha mão, sempre esteve comigo nos momentos difíceis e alegres. Obrigada por tudo, você é incrível!

Às minhas amigas Isabel, Eucimara e Valquíria por todo incentivo durante o curso, vocês são especiais.

À minha orientadora Suely Costa, por toda dedicação, obrigada!